ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS - ANPOLL

ATAS
TOMO I

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS - ANPOLL

ATAS
TOMO II

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS
TOMO II

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Mudanças estruturais na língua Tembé

Márcia Goretti Pereira de Carvalho (Universidade Federal do Pará)

1. INTRODUÇÃO

A situação de contato entre os índios Tembé e a sociedade regional é tão antiga quanto a colonização da região. Embora essa língua tenha resistido até os dias atuais, vive no momento a fase de maior ameaça a sua sobrevivência. O Tembé associa-se ao caso de línguas que têm sofrido morte gradual, segundo a tipologia proposta por CAMPBELL & MUNTZEL (1989), cuja situação socio-lingüística caracteriza-se pelo contínuo de proficiência, em que as gerações mais jovens têm uma maior proficiência na língua dominante e aprendem a língua materna de maneira imperfeita, enquanto a língua original é mantida pela geração mais velha. Segundo esses autores, nas situações de morte gradual, podem-se observar mudanças fonológicas, morfológicas, sintáticas e pragmáticas pelas quais as línguas estão passando. A situação do Tembé, que é a de morte gradual, reflete, entre outros fenômenos, o fenômeno do atrito, definido por THOMASON (2001, p. 144), "como um processo gradual em que uma língua regride quando perde falantes, domínios e finalmente estrutura; é a perda do material lingüístico que não é reposto pelo novo material (por exemplo, pelo material emprestado de uma língua de um grupo dominante)." Neste estudo serão apontadas algumas das mudanças ocorridas na língua Tembé, dentre as quais, as que podem ser identificadas como resultado de atrito.

O presente trabalho é parte de um estudo mais aprofundado das mudanças atestadas na fala de falantes imperfeitos/semi-falantes do Tembé, tendo como referência as variedades mais conservadoras dessa língua, e se restringe à análise das mudanças na morfologia flexional dos nomes — flexão relacional e casual. Primeiramente será descrita a morfologia casual em variedades mais conservadoras e observadas as mudanças ocorridas nas variedades faladas por semi-falantes, tendo como referência o que pode ser reconstruível para o proto-Tupí-Guaraní. Em seguida serão mostradas as mudanças ocorridas na fala dos semi-falantes, tendo como referência as variedades atuais mais conservadoras. Finalmente, na conclusão, discutem-se aspectos da natureza dessas mudanças, separam-se mudanças que podem ser resultado de atrito de outras mudanças que podem, ao contrário, constituir sinais de saúde, como observa HAMP (1989).

2. FLEXÃO NOMINAL

Os nomes em Tembé podem ser divididos em três subclasses de acordo com critérios morfológicos e semânticos. A subclasse dos nomes plenos, a subclasse dos pronomes, e a subclasse dos demonstrativos. Dos nomes, apenas nomes plenos, especificamente os relativos, recebem prefixos relacionais, e nesse sentido se associam aos verbos, posposições e descritivos que também se comportam como elementos relativos. O quadro abaixo, baseado em RODRIGUES (1981) ilustra uma possível divisão de temas flexionáveis nessa língua de acordo com a sua distribuição com os prefixos relacionais e seus alomorfes:

Classes de temas:

		1	2	3	4	
Classe I	a)	Ø -	i-		Ø-	-namí 'orelha', -ʔá 'cabelo'; -katú 'ter.bondade', -pukú 'ter.comprimento', -hó 'ir'
	b)	Ø -	Ø-		Ø-/m	-pó 'mão', -pɨ́'pé'
Classe II	a)	r-	t-	o- ~ u- ~ w-	t-	-aʔɨr 'filho.de.homem', -úw 'pai'
	b)	r-	h-		t-	-eʔó 'ser.doido', -atá 'fogo', -akú 'ter.quentura', -uí 'sangue', - urí 'ter.alegria', -ehá 'olho', -ér 'nome'
	c)	r-	h-		--	-etá 'ter.muitos', -upí 'por', -esák 'ver'
	d)	r-	h-		Ø-	-uʔɨw 'flecha', -ahí'ter dor'
	e)	r-	h-		V-> Ø-	-apé 'caminho', -ekúj 'cuia', -epotí 'fezes'
Classe III		--	--	--	--	ɨwák 'céu'; pitəwə́ 'bem-te-vi'

Exemplos de temas da Classe II são dados a seguir:

Prefixo 1)

1) hé **r**-apé-Ø
1 **R**[1]-caminho-Arg
'meu caminho'

Prefixo 2)

2) **h**-apé-Ø
R[2]-caminho-Arg
'caminho dele'

Prefixo 3)

3) w-er-ekó **w**-apé-Ø aʔé-ə no
3-CCom-estar.em.mov **R**[3]-caminho-Arg esse-Arg Rep
'ele tem seu próprio caminho'

Prefixo 4)

4) a-zúr te-ekó Ø-pé-Ø r-upí
1-vir 1corr-estar.em.mov **R**[4]-caminho-Arg R[1]-por
'eu estava vindo por um caminho'

Algumas das diferenças que distinguem a fala de FPs dos SFs são as seguintes:

Os SFs usam o **R**[2] em nomes, em contextos nos quais os FPs usam o **R**[4] :

i-pukú	'ele é comprido'	por	Ø-pukú	'ser comprido'
i-pɨ́	'pé dele'	por	mɨ́	'pé (genérico e humano)'
h-uwá	'bochecha dele'	por	t-uwá	'bochecha (genérico e humano)'
h-ehá	'olho dele'	por	t-ehá	'olho (genérico e humano)'

Há, contudo, alguns temas que continuam a ocorrer com o antigo **R**[4] na fala dos SFs, como é o caso da palavra para 'comida':

5) **t**-emɨ̃ʔú i-apó-hár ə́ Mɨ̃ʔí-ə
R[4]-comida R[2]-fazer-Agent. é Mɨ̃ʔí-Arg
'o fazedor de comida é Mɨ̃ʔí-ə'

6) **h**-emɨ̃ʔú
R[2]-comida
'a comida dele'

7) hé **r**-emɨ̃ʔú
1 **R**[1]-comida
'minha comida'

Os nomes plenos compartilham com os pronomes e com os demonstrativos o fato de serem flexionados pelo caso locativo **-pe** ~ **-me** e pelo caso argumentativo **-a** ~ **-Ø**, o qual será discutido mais adiante. O caso locativo é um caso locativo geral, o único sobrevivente dos três outros casos propriamente locativos que são reconstruíveis para o proto-Tupí-Guaraní: o locativo pontual ***-pe** ~ ***-ipe** ~ ***-me** ~ ***-ime**, o locativo difuso ***-βo** ~ ***-iβo** e o locativo situacional ***-i** ~ ***-j**.[1]

[1] Segundo RODRIGUES (2000a, p. 67), no Tupinambá, os casos *locativos* têm por função indicar a "locação tanto no espaço quanto no tempo". O *locativo pontual* "indica um lugar ou um momento delimitado", enquanto que o *locativo difuso* "indica um lugar ou um tempo não delimitado". O caso *locativo situacional* "indica situação em referência a uma parte de um todo (como 'veio *nos meus calcanhares*' ou 'está *em baixo do* banco')." Ainda segundo RODRIGUES (2000a, p. 67), um outro caso locativo, o caso *translativo*, "expressa uma mudança de estado físico ou social".

Em outras línguas Tupí-Guaraní, como o Tupinambá e o Asuriní do Tocantins, o caso argumentativo[2], bem como os casos locativos flexionam tanto raízes nominais quanto raízes verbais. No Tembé, esses casos são hoje restritivos dos nomes e constituem critérios para distinguí-los das demais classes flexionáveis.

Os alomorfes do caso locativo em Tembé têm distribuição idiossincrática. Os seus alomorfes **-me** e **-pe** ocorrem em temas terminados por vogal, as quais são sincronicamente todas orais. Os casos em que um tema terminado por elemento vocálico recebe o alomorfe **-me** são aqueles em que esse elemento era, em estágio anterior da história do Tembé, associado à nasalidade, e mesmo depois da perda de nasalidade vocálica ocorrida, continuaram a ocorrer nesses contextos os antigos alomorfes fonologicamente condicionados pela nasalidade do tema precedente.[3]

8) aʔé wə u-kér pé ze-mo-ḱatú-há-**pe** wə
esse Pl 3-dormir lá Refl-Caus-ter.bondade-Nom-**Loc** Pl
'eles dormiram lá no hospital'

9) ʔɨ-ə u-pupúr zapépo-**pe**
água-Arg 3-ferver panela-**Loc**
'a água está fervendo na panela'

10) aʔé-ə u-ʔár kwéj tuzúk-**pe**
esse-Arg 3-cair Perf lama-**Loc**
'ela caiu na lama'

11) pirá-Ø wə w-ikó wə ʔɨ-**pe**
peixe-Arg Pl 3-estar.em.mov Pl água-**Loc**
'os peixes vivem na água'

12) uru-hém oro-hó uré r-ekó-háw-**pe**
13-sair 13-ir 13 R[1]-estar.em.mov-Nom-**Loc**
'nós chegamos ao nosso lugar'

13) re-ziwír re-hó ipó pɨhawtéahí hé r-əpíj-**me**
2-voltar 2-ir Infer muito.cedo 1 R[1]-casa-**Loc**

---

[2] Como monstrado por CABRAL (2000), línguas de todos os 8 ramos da família Tupí-Guaraní mantêm reflexos do *caso argumentativo* ***-a** do proto-Tupí-Guaraní, e em línguas de pelo menos três ramos esse morfema flexiona também raízes nominais descritivas e verbais, como são os casos do Guaraní antigo (ramo I), do Tupinambá (ramo III), e do Asuriní do Tocantins (ramo IV).

[3] Esse mesmo fenômeno ocorre em fronteira de morfema quando um tema se combina com outro temas ou com prefixos derivacionais.

'você vai voltar cedo para minha casa'

Por outro lado, os SFs usam o alomorfe **-pe** em contextos nos quais os FPs usam o alomorfe **-me**, porém não de forma sistemática:

14)	hé	r-əpíj-**pe**	~	r-əpíj-**me**
	1	R^1-casa-**Loc**		R^1-casa-**Loc**
		'minha casa'		*'minha casa'*

Quanto ao caso argumentativo, que tem como função habilitar um nome ou um verbo como argumento (RODRIGUES, 2000b, p.68), embora ainda seja funcional nas variedades mais conservadoras, mesmo nessas variedades as condições para que o mesmo venha a desaparecer definitivamente já foram criadas, uma vez que sua ocorrência ficou limitada aos nomes (CABRAL, 2000). Mas na fala dos SFs o caso argumentativo já não tem mais funcionalidade.

3. NOMES FLEXIONADOS PELO CASO ARGUMENTATIVO

CABRAL (2000) mostrou que a distribuição dos alomorfes do morfema do caso argumentativo em Tembé está condicionada à presença de uma consoante ou de uma vogal no final da raiz, bem como à qualidade da vogal:

Tembé-Variedade 1

temas com consoante final	**glossa**	**temas com i, e, ɨ, u, ou o final**	**glossa**	**temas com a, e ou ə final**	**glossa**
hé r-úw-ə	'meu pai'	hé Ø-tí-ə	'meu nariz'	awá-Ø	'pessoa'
hé r-əpíz-ə	'minha casa'	ihé-ə	'eu'	t-ehá-Ø	'olho de gente'
hé r-ér-ə	'meu nome'	hé Ø-hí-ə	'minha mãe'	sawaʔé-Ø	'macho'
ɨwák-ə	'céu'	hé Ø-zurú-ə	'minha boca'	kuzə́-Ø	'fêmea'
amán-ə	'chuva'	hé Ø-pó-ə	'minha mão'		
i-kám-ə	'seio dela'				
né Ø-akə́ŋ-ə	'cabeça de você'				

(CABRAL, 2000, p. 99)

Os exemplos abaixo, elicitados junto a FPs, contêm nomes flexionados pelo caso argumentativo nas funções de sujeito (ex. 15), objeto direto (ex. 16), objeto de posposição (ex. 17), possuidor (ex. 18), possuído (ex. 19), e núcleo de predicado essivo (ex. 20):

15) **zawár-ə** u-er-ekó u-wáz-ə
cachorro-Arg 3-CCom-estar.em.mov. R^3-rabo-Arg
'(o) cachorro tem rabo'

16) pé-ə pe-zupí **pirá-Ø** no
23-Arg 23-descamar **peixe-Arg** Rep
'vocês descamam peixe'

17) a-monó pirá-Ø hé **Ø-kiwîr-ə** Ø-pé
1-mandar peixe-Arg 1 **R^1-irmão-Arg** R^1-para
'eu entreguei o peixe ao meu irmão'

18) h-etá **Tembé-Ø** Ø-iwí-ə
R^2-ter.muitos **Tembé-Arg** R^1-terra-Arg
'existe terra de Tembé'

19) hé **r-əpîz-ə**
1 **R^1-casa-Arg**
'minha casa'

20) izé-ə **i-hî-ə**
1-Arg **R^2-mãe-Arg**
'eu sou mãe'

Na fala de SFs o morfema -ə desapareceu, tendo ficado como resquício seu uma vogal [ə̆] que pode ocorrer nos nomes com maior freqüência quando esses estão antes de silêncio:

21) **t**-emiʔú i-apó-hár á Miʔí-ə
R^4-comida R^2-fazer-Agent. é Miʔí-Arg
'o fazedor de comida é Miʔí-ə'

Em construções essivas, os dois nomes podem opcionalmente ser pronunciados com um [ə̆] final:

22) i-maʔé-ahí-maʔé(-ə) Irí(-ə)
R^2-Rel-ter.doença-Rel-Arg Elias-Arg
'o doente é Elias'

Mas, nos demais casos, os nomes raramente ocorrem com essa vogal final:

23) a-esák apitáw h-áw-é-**ramo**
1-ver urubu R^2-pena-Retr-**com**
'eu vi urubu com pena'

24)	Jési	w-erúr	**pən**	hé-we
	Jési	3-trazer	pano	1-Dat

I. ***'Jéssi trouxe roupa para mim'***

Um fenômeno análogo foi atestado no Suruí, uma outra língua Tupí-Guaraní. Monserrat (Notas de trabalho de campo, apud CABRAL, 2001) constatou que o morfema **-a** encontra-se plenamente vigente entre os Suruí mais velhos, tanto após temas terminados por consoante, quanto após temas terminados por vogal, exceto quando a vogal final é /a/. Já os mais jovens não usam o caso argumentativo após vogais e glides, mas tendem a pronunciar um glide vocálico com o timbre **[ə]** em temas terminados por sons não-vocálicos:

wainóm ~ wainómə	'beija-flor'
tukán ~ tukánə	'tucano'
wyratíŋ ~ wyratíŋə	'garça'
óɣ~ óə	'casa'

Na fala desses jovens, a presença do glide é mais freqüente depois de /r/, que nesse caso flutua com [a]:

sawár ~ sawárə ~ sawára	'onça'
wɨraʔɨr ~ wɨraʔɨrə ~ wɨraʔɨra	'galinha'

Monserrat faz ainda a observação de que os mais jovens estendem o uso do glide [ə] para formas que não poderiam ter historicamente o sufixo **-a** (apud CABRAL, 2001):

uʔárə	'caiu'
upáwə	'acabou'
némə	'fedido'
aesáə	'vi'

Um fato interessante a ser observado é o de que tanto no Suruí quanto no Tembé o desaparecimento do caso argumentativo tem sido atestada entre os falantes de gerações mais novas, que possuem o maior domínio do português e que já têm substituído a língua materna pelo português na maioria das situações comunicativas.

4. OS PRONOMES

Os pronomes distinguem-se dos demais nomes por serem os únicos a serem flexionados pelo caso dativo **-we** ~ **-me**. O problema de alomorfia do caso locativo é análogo ao do caso dativo (Ver acima).

25)	a-há	karaíw-ə	mɨtér-amo	a-há	te-kó
	1-ir	branco-Arg	R[4].meio-Trans	1-ir	1corr-estar.em.mov.

h-uríw-eté	karaíw-ə	**hé-we**	wə
R^2-ter.alegria-Intens	branco-Arg	**1-Dat**	Pl

'eu estava indo com os brancos que estavam muito felizes comigo (para mim)'

26) izé-ə a-zepinatík **pé-me**
1-Arg 1-pescar **23-Dat**
'eu pesquei para vocês'

27) o-monó pakó-ə kwéj **zané-we**
3-dar banana-Arg Perf **12-Dat**
'ele deu banana para nós'

28) a-monó pakó-ə kwéj **né-we**
1-dar banana-Arg Perf **2-Dat**
'eu dei banana para ti'

Os SFs por sua vez tendem a substituir o dativo pela posposição **-upé** ~ **-pé**, antes usada em associação com o caso semântico dativo apenas na terceira pessoa (i-**zupé** 'para ele'), uma vez que o Tembé não tem pronome independente de terceira pessoa. Na fala desses falantes, por analogia à terceira pessoa, começa a se estender o uso da posposição para as formas pronominais, o que é também um sinal de que a morfologia casual tende a ser definitivamente eliminada na fala dos SFs.

29) a-dapó-kár t-emiʔú kwéj ihé **né** **Ø-upé**
1-fazer-C.Prepos R^4-comida Perf 1 **2** **R^1-para**
'eu a fiz fazer comida para você'

30) a-monó pirá hé **Ø-kiwîr** **Ø-pé**
1-mandar peixe 1 **R^1-irmão** **R^1-para**
'eu entreguei o peixe ao meu irmão'

31) aʔé Ø-monó pakó kwéj **né** **Ø-upé**
ele R^1-mandar banana Perf **2** **R^1-para**
'ele deu banana para você'

No Tembé, como colocado em CARVALHO (2001), houve historicamente as seguintes reduções no sistema casual original: (a) o *locativo difuso* desapareceu completamente e o reflexo do pTG ***-pe** *'locativo pontual'* passou a significar um caso locativo geral, ocorrendo apenas em nomes; (b) o *caso argumentativo*, passou a ocorrer exclusivamente nos nomes – raízes nominais, ou temas nominais derivados de verbos descritivos ou de verbos não descritivos; (c) o *caso translativo* foi preservado. Um dos resul-

tados dessas mudanças ocorridas no sistema casual do Tembé foi a separação das expressões morfológicas de caso por classes de palavras: os casos *locativo* e *argumentativo* passaram a ocorrer exclusivamente com nomes e o caso *translativo* (Carvalho, em elaboração) se fixou como uma marca casual comum a nomes e descritivos. Dessa forma, os casos *locativo* e *argumentativo* passaram a constituir um forte critério para a distinção entre nomes em geral (nomes plenos, pronomes e demonstrativos) e verbos (descritivos e não descritivos).

5. OS DEMONSTRATIVOS

Os demonstrativos do Tembé são: ʔə́ŋ 'este/esta/visível-sentado', pé 'este/esta/visível-parado', aʔé 'isso/esse/a/ de que(m) se fala', wá 'esses de que(m) se fala', kwéj 'aquilo/aquele(a), +/-visível, +/-móvel', aikwéj 'aquilo/aquele(a) +/-invisível'. Os demonstrativos não tem flexão própria, e como os demais nomes recebem os casos locativo e argumentativo. O que tem sido observado na fala dos SFs é a redução do número demonstrativos, com a eliminação de ʔə́ŋ.

6. CONCLUSÃO

As mudanças estruturais observadas na fala de SFs do Tembé relacionadas aos nomes correspondem (a) à redução do sistema casual, com concomitante simplificação da alomorfia do caso locativo, (b) à simplificação da flexão nominal com o apagamento do caso argumentativo, que desaparece sem prejuízos para a gramática, já que passou a ser uma marca exclusiva de nomes, e (c) à substituição do caso morfológico dativo por estratégias sintáticas, uma posposição de uso mais geral e não exclusiva do dativo, passando pelo nivelamento de um paradigma, tendo por modelo a terceira pessoa. Esses tipos de mudanças são considerados comuns na história de línguas em extinção (DORIAN, 1977; THOMASON & KAUFMAN, 1988; CAMPBELL & MUNTZEL, 1989; THOMASON, 2001, entre outros). Por outro lado, pelo menos parte das mudanças constatadas na fala SFs do Tembé, relacionadas à flexão nominal, ocorreram em outras línguas Tupí-Guaraní, como é o caso do Ka'apór que perdeu todos os casos nominais (CORRÊA DA SILVA, 1997; CALDAS, 2001) e da Língua Geral Amazônica, na qual o caso locativo tem sido substituído pela posposição -pé ~ -upé (TAYLOR, 1991), tendo também perdido os demais casos do TG, exceto o dativo (RODRIGUES, 1996). Esses são exemplos de Línguas em que as reduções, simplificações e nivelamentos não implicaram ou corresponderam à morte das línguas, haja vista a vitalidade da LGA falada pelos Baníwa e pelos Baré e a vitalidade do Ka'apór vizinhos dos Tembé, cuja maioria ainda é monolingüe na língua nativa.

É possível que as mudanças observadas nas variantes menos conservadoras do Tembé com respeito à flexão casual sejam resultado de atrito, como a perda dos casos situacional e locativo difuso, mas as demais mudanças que implicaram em reduções, substituições e nivelamento podem estar relacionadas ao alerta feito por HAMP (1989, p. 201) de que paradoxalmente "quanto mais interferência de contato nós vemos — dentro de limites — mais ajustamento, adaptação, longevidade, e saúde nós podemos esperar!". Com isso quero chamar a atenção para o fato de que as reduções aqui discutidas podem corresponder a um estágio atingido que permitirá às novas gerações garantir um pouco a continuidade da língua Tembé, na medida em que ela se torna por um lado mais parecida com o Ka'apór, em termos de redução em alto grau da morfologia flexional original e, por outro lado, tende a ficar cada vez mais analítica como o Ka'apór e como o Português regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caderno de Leitura Nheengatu 1, vamos escrever a nossa língua. 1991.Taylor, G. (coordenador). Manaus: Universidade do Amazonas

Cabral, A. S. A. C. 2000. Observações sobre a história do morfema -a na família Tupí-Guaraní. In: Queixalós, F. (org.), *Des noms et des verbs en Tupí-Guaraní, état de la question*. Cayenne: IRD, p. 63-74.

_____. 2001. Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní. In Soares, M.E. (org). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, n. 25, p. 233-262.

Caldas, R. B. C. 2001. Aspecto, modo de ação e modalidade em Ka'apór, Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Pará, Belém.

Campbell, L.; Muntzel, M. C. 1989. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence:* studies in language contraction and death. Cambridge: Cambridge University Press, p. 181-196.

Carvalho, M. G. P. 2001. A próposito da distinção entre nomes, verbos e descritivos em Tembé. In : CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2. Fortaleza, 2001. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará,

Corrêa da Silva, B. C. 1997. *Urubú-Ka'apór, da gramática à história:* a trajetória de um povo. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-graduação em Lingüística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília.

Dorian, N. 1977. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 12, p. 23-32,

Hamp, E. P. 1989. On signs of health and death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence:* studies in language contraction and death. Cambridge: Cambridge University Press,. p. 197-210.

Monserrat, R. M. F. Suruí: Notas de trabalho de campo. Manuscrito.

Rodrigues, A. D. 1981. *Estrutura do Tupinambá*, Manuscrito.

_____. 1996. As língua gerais sul-americanas. *Papia* 4(2), p. 6-18,

_____. 2000a. Sobre a natureza do caso argumentativo. In Queixalós, F. (org.), *Des noms et des verbs en Tupí-Guaraní, état de la question*. Cayenne: IRD, p. 63-74.

_____. 2000b. Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá. In: *Síntese*, Anais do XIII Congresso da ANPOLL. Niterói: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística,. CD-ROM

Thomason, S. G. 2001. *Language Contact: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press,

Thomason, S. G.; Kaufman, T. 1988. *Language Contact, Creolisation and Genetic Linguistics*. Los Angeles: University of California Press,

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org